

14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 06 – Pensamento Político na América Latina

**Augusto César Sandino e a América Latina: confluências com Simón Bolívar e
José Martí**

Nicolle Montalvão¹

*Allá va
el general,
rayo de luz sobre el trigal.
Allá va
el general
como una estrella sobre el mar.*

(Retrato de Sandino con sombrero – Quilapayún. 1994)

INTRODUÇÃO

Não há como falar da América Latina e, principalmente, do processo revolucionário nicaraguense de 1979 a 1990 – a Revolução Sandinista, sem mencionar aquele que inspirou não só o nome da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), mas também os ideais nacionalistas e de unidade latino-americana: Augusto César Sandino, o “General dos Homens Livres”.

A importância de Sandino para a Revolução Sandinista instiga uma necessidade histórica e política de compreendê-lo, tendo em vista um certo apagamento de seus feitos, sendo que, diante de milhares de seguidores e apoiadores, Sandino se fez uma referência

¹ Doutoranda em Ciências Sociais (PPG/UEM), professora de Sociologia (SEED/PR), e-mail: nicolle.mp@gmail.com.

essencial na histórica resistência latino-americana ao imperialismo dos Estados Unidos da América (EUA). Assim, com seus ideais nacionalistas, misturados às ideias autonomistas e somados até à espiritualidade e ao esoterismo², tal figura política e peculiar centro-americana fez mais do que pensar a América Latina, pois esteve praticamente sua vida toda em combates, nas guerrilhas e nas trincheiras, contra a submissão da Nicarágua e de toda a América aos ditames dos EUA.

Acredito ser valioso mencionar o interessante percurso de pesquisa do presente texto. Inicialmente, este artigo buscava apresentar Augusto César Sandino como um provocador de ideias, relacionando-o à José Martí (e, ao meu ver, possivelmente ligá-lo à influências e referências marxistas/ socialistas). Porém, ao levantar os escritos (cartas, declarações e manifestos) de Sandino entre os anos de 1927 – 1934, no compilado organizado por Sergio Ramirez “*Pensamiento Politico*” (1988), notei que praticamente não há menções diretas à Martí, enquanto Simón Bolívar é amplamente citado.

Desta maneira, o objetivo principal deste estudo é contribuir com o pensamento social latino-americano, explorando as ideias de Augusto César Sandino, buscando apontar confluências com o pensamento de Simón Bolívar e de José Martí, tecendo diálogos como um exercício de pensar a América Latina – sobretudo a ideia de nação – entre a virada do século XIX e as três primeiras décadas do século XX.

AUGUSTO CÉSAR SANDINO: UMA BREVE BIOGRAFIA

Sandino (1895 – 1934) nasceu no povoado de Niquinohomo, região de Masaya, na Nicarágua. Filho de uma empregada doméstica e de um pequeno proprietário de terra, trabalhou no campo ajudando sua mãe, depois se tornou mecânico e aos 25 anos ele sai de seu povoado natal e inicia uma série de viagens, passando por Honduras e se instalando no México, onde teve contato com o nacionalismo mexicano ao perceber a intromissão dos EUA no país (Molina; Alfonso, 2012, p. 20), mas também se aproximou do pensamento liberal. De volta à Nicarágua em 1925, Sandino se depara com a ofensiva estadunidense na Nicarágua, ao colocarem no poder presidencial do país José Maria Moncada “*que concordaba plenamente con la política exterior de los Estados Unidos*” (idem, p. 22).

² “O esoterismo era empregado por Sandino para ‘impor a sua autoridade sobre seus subalternos e para insuflar coragem, valor e confiança às tropas’”. (RAMOS, 2014, p. 506).

A intervenção dos Estados Unidos na Nicarágua, via *mariners*, mercenários e bombardeios aéreos, começou de fato em 1927 e foi até 1933. Sandino foi o principal líder da luta pela resistência nicaraguense contra o imperialismo *yankee*, criando em 2 de setembro de 1927 o “*Ejército Defensor de la Soberanía Nacional de Nicaragua*”³ (também chamado de exército sandinista) e definindo os EUA como o grande inimigo a ser combatido. Daí em diante muito sangue foi derramado, numa série de combates que desembocaram em guerrilhas de trincheiras. Em 1930 houve um episódio de 11 horas seguidas de bombardeio aéreo: “*Combate de El Saraguazca (19 de junio). Once horas de bombardeo aéreo. Sandino es herido en la pierna izquierda*”⁴. Sandino escreve muitas cartas, inclusive para líderes e governantes de toda a América Latina, para que não reconhecessem o regime fruto da intervenção yanqui (1932), e assim a luta ia ganhando força e reconhecimento internacional.

Em 1º de janeiro de 1933, finalmente, os *mariners* estadunidenses deixaram a costa da Nicarágua, vitória da causa de Sandino. Porém, após o grande feito conquistado, tem-se o início de um novo momento da ofensiva imperialista, mas de maneira interna na Nicarágua: conservadores e liberais se unem contra os nacionalistas, o que levou Augusto César Sandino a se afastar totalmente do Partido Liberal e criar o Partido Autonomista⁵, e o governo nicaraguense, sob liderança de Sacasa, a criar a Guarda Nacional.

A Guarda Nacional, liderada por Anastasio Garcia Somoza, passa a perseguir os sandinistas e, para selar a paz no país, Sandino se propõe a contribuir com Sacasa, oferece apoio militar e desarma parcialmente seus exércitos⁶, insistindo em um diálogo pelo fim da ofensiva da Guarda, que persistia com ataques armados contra as cooperativas sandinistas.

Por fim, vítima de uma traição fatal, em 21 de fevereiro de 1934, o General dos Homens Livres é assassinado pela Guarda Nacional. Assim, a Nicarágua tem o início daquilo que veio a ser os mais de 40 anos da Ditadura Somozista. Porém, o legado de Augusto César Sandino sobreviveu a todos esses anos, servindo de inspiração e coragem para o que veio a ser a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) que, com o triunfo revolucionário de 1979, colocou fim à tirania da família Somoza.

³ Sergio Ramirez, escritor nicaraguense, desenvolve uma “Cronologia” riquíssima no livro “Pensamiento Político” de Augusto César Sandino. Desta até a 5ª NR, a fonte dos fatos é a cronologia do livro. Referência: Ramirez, Sergio. “Cronologia”, In.: Pensamiento Político”, 1988, p. 621.

⁴ *Idem*, p. 627.

⁵ *Idem*, p. 527.

⁶ *Idem*, p. 633.

PENSANDO A NAÇÃO LATINO-AMERICANA: O ENCONTRO ENTRE BOLÍVAR, MARTÍ E SANDINO

Para iniciar os apontamentos das confluências entre os líderes políticos da América Latina, Simón Bolívar, José Martí e Augusto César Sandino, apresento uma breve linha do tempo:

- i. Simón Bolívar (1783 – 1830), considerado herói diante das lutas pela independência no século XIX, libertando Nova Granada, Venezuela e Peru da metrópole espanhola, tornando-se uma liderança política nas recém-nascidas nações ao norte da América do Sul.
- ii. José Martí (1853 – 1895), cubano que nos fins do século XIX, iniciou seu engajamento político contra a dominação espanhola ainda na adolescência, chegando a ser preso como traidor. Martí tornou-se a principal liderança na luta por independência na região centro-americana.
- iii. Augusto César Sandino (1895 – 1934), que no ano em que Martí tomba na luta pela independência cubana, nasce em uma Nicarágua independente desde 1821, mas totalmente subjugada aos Estados Unidos. Na virada do século XIX para o século XX, a Espanha já não era mais o inimigo, o problema maior era o imperialismo norte-americano, que já era entendido por José Martí. E, ao travar esta luta antiimperialista, Sandino se torna um herói da resistência anti-EUA no final dos anos 1920.

Assim, percebe-se a dinâmica das lutas travadas na América Latina entre os séculos XIX/ XX e os desafios daquele período: livrar a Hispano América dos espanhóis/ livrar a América Latina dos estadunidenses. Por mais que sejam sujeitos em diferentes tempos históricos, compreendi através da linha do tempo um certo encadeamento que me proponho investigar a partir do conceito de nação que cada um contribui, apontando convergências e dessemelhanças entre eles.

Destarte, Simón Bolívar pensava a América Hispânica como uma grande nação confederada, *Patria Grande*, consciente dos obstáculos existentes para sua concretização, como a diversidade geográfica e, principalmente, política da região. Na “Carta de Jamaica” (1815), Bolívar desenvolve que

é uma ideia grandiosa pretender formar de todo o Novo mundo uma única nação com um único vínculo que ligue as partes entre si com o todo. Já que tem uma só origem, uma só língua, mesmos costumes e uma só religião, deveria, por conseguinte, ter um só governo que me confederasse os diferentes estados que haverão de se formar; mas tal não é possível, porque climas remotos, situações diversas, interesses opostos e caracteres dessemelhantes *dividem* a América. Que belo seria que o istmo do Panamá fosse para nós o que o de Corinto é para os gregos! Oxalá que algum dia tenhamos a felicidade de instalar ali um augusto congresso dos representantes das repúblicas, reinos e impérios, para se tratar e discutir sobre os altos interesses da paz e da guerra com as nações das outras três partes do mundo. (Bolívar, 1986, p. 88)

Destaco a ideia de “unidade” que aparece fortemente no pensamento bolivariano. Apesar das divisões profundas na América Hispânica, Bolívar reforça que somente a união pode gerar as condições necessárias para expulsar os espanhóis. Em suas palavras,

o que pode nos colocar em condições de expulsar os espanhóis e de fundar um governo livre: *é a união*, certamente; e esta união não nos virá por milagres divinos mas por efeitos concretos e esforços bem dirigidos. A América defronta-se consigo mesma porque foi abandonada por todas as nações, isolada no meio do universo, sem relações diplomáticas nem auxílios militares, e combatida pela Espanha, que possui mais elementos para guerra do que quanto nós possamos furtivamente adquirir. (Bolívar, 1986, p.90).

Outro ponto de destaque é o “governo livre” associado a uma ideia de nação liberal, ao mesmo tempo que reforça a necessidade de um Estado forte, mas entende a nação liberal como auspiciosa, isto é, Bolívar faz uma referência positiva às nações europeias e seus governos ilustrados. Ainda na *Carta de Jamaica*, Simón Bolívar afirma:

Quando as vitórias não estão garantidas, quando o Estado é fraco e quando os empreendimentos são remotos, todos os homens vacilam, as opiniões *dividem-se*, as paixões as agitam e os inimigos as incentivam para triunfar por este fácil meio. Tão logo sejamos fortes, sobre os auspícios de uma nação liberal que nos empreste sua proteção, se nos verá concordes em cultivar as virtudes e os talentos que conduzem a glória; então, seguiremos a marcha majestosa em direção às grandes prosperidades para as quais a América meridional está destinada; então, a ciências e as artes que nasceram no Oriente e que ilustram a Europa dirigir-se-ão à Colômbia livre, que as acolherá e seu regaço. (1986, p.90).

Elenco um último ponto em Bolívar, referente à questão racial na hispano-América. Para o independentista venezuelano, “não somos índios nem europeus, mas uma espécie intermediária entre os legítimos proprietários do continente e os usurpadores espanhóis”, e afirma que a “posição dos moradores do hemisfério americano foi, durante séculos, meramente passiva: sua existência política era nula” (Bolívar, 1986, p. 80).

Em suma, o militar reconhece a América espanhola como mestiça, ou seja, a questão racial perpassa o pensamento de Bolívar, mas ele não parece ver essa “espécie intermediária” como afirmação de uma raça, como pertencimento, além de dar um tom de desmereci-

mento aos povos originários, de um ponto de vista colonizador.

Agora, para José Martí a nação é *Nuestra América*, sem metrópole espanhola e sem intromissão anglo-saxã. O líder cubano pensava a nação latino-americana a partir da ideia de comunidade histórica, de união dos povos, enfim, uma nação popular: “*Los pueblos que no se conocen han de darse prisa para conocerse, como quienes van a pelear juntos*” (Martí, 2005, p. 31). Em seu texto clássico, “*Nuestra América*”, de 1891, o independentista cubano desenvolve seu pensamento sobre uma identidade nacional e popular enraizada na América Latina e na união: “*Es la hora del recuento, y de la marcha unida, y hemos de andar en cuadro apretado, como la plata en las raíces de los Andes*” (*idem*, p.31). Essa preocupação com a identidade, com os povos da América, vem da compreensão de que o governo deve nascer do próprio país, um corpo político voltado para a constituição social deste, e não ao contrário.

Para José Martí (2005, p. 33),

allí donde se gobierna, hay que atender para gobernar bien; y el buen gobernante en América no es el que sabe cómo se gobierna el alemán o el francés, sino el que sabe con qué elementos está hecho su país, y cómo puede ir guiándolos en junto, para llegar, por métodos e instituciones nacidas del país mismo, a aquel estado apetecible donde cada hombre se conoce y ejerce, y disfrutan todos de la abundancia que la Naturaleza puso para todos en el pueblo que fecundan con su trabajo y defienden con sus vidas. El gobierno ha de nacer del país. El espíritu del gobierno ha de ser el del país. La forma del gobierno ha de avenirse a la constitución propia del país. El gobierno no es más que el equilibrio de los elementos naturales del país. [...] ¿Cómo han de salir de las universidades los gobernantes, si no hay universidad en América donde se enseñe lo rudimentario del arte del gobierno, que es el análisis de los elementos peculiares de los pueblos de América?

Interessante que ao chamar a atenção para a ausência das universidades, Martí reforça a necessidade de se pensar e construir a Nossa América por ela mesma: “*Ni el libro europeo, ni el libro yanqui, daban la clave del enigma hispano-americano*” (2005, p. 36).

Por fim, a questão racial que aparece fortemente no pensamento de José Martí. Diferente de Simón Bolívar, para ele não havia uma “espécie intermediária”, e sim o reconhecimento de um sujeito americano múltiplo⁷, diverso e digno de orgulho daquilo que fora conquistado:

Ni ¿en qué patria puede tener un hombre más orgullo que en nuestras repúblicas dolorosas de América, levantadas entre las masas mudas de indios, al ruido de pelea del libro con el cirial, sobre los brazos sangrientos de un centenar de apósto-

⁷ Martí, em *Nuestra América* escreve que: “*Con los pies en el rosario, la cabeza blanca y el cuerpo pinto de indio y criollo, vinimos, denodados, al mundo de las naciones*”. (2005, p. 34)

les? De factores tan descompuestos, jamás, en menos tiempo histórico, se han creado naciones tan adelantadas y compactas. (Martí, 2005, p. 32)

Além disso, Martí considera a diversidade dos povos americanos. De acordo com o cubano, neste belíssimo trecho de *Nuestra América* (2005, p. 38-39),

No hay odio de razas, porque no hay razas. Los pensadores canijos, los pensadores de lámparas, enhebran y recalientan las razas de librería, que el viajero justo y el observador cordial buscan en vano en la justicia de la Naturaleza, donde resalta en el amor victorioso y el apetito turbulento, la identidad universal del hombre. El alma emana, igual y eterna, de los cuerpos diversos en forma y en color. Peca contra la Humanidad el que fomenta y propague la oposición y el odio de las razas.

Observa-se que Martí problematiza uma “identidade universal do homem”, dando um salto em relação à concepção colonial europeia. Ainda que com elementos metafísicos como “a alma”, Martí concebe o ser humano a partir de corpos reais, evocando a materialidade da diversidade humana, sobretudo, da Nossa América.

De acordo com Manuel Maldonado-Denis, a concepção de raça em José Martí aparece fundamentada em um humanismo radicalmente antirracista. Conforme destaca o autor, “*Martí rechaza al racismo en todas sus formas*” (Maldonado-Denis, 1978, p. 7), posição que se ancora na essencial solidariedade que Martí sentia por qualquer ser humano (*idem*, p. 7), evidenciando que sua reflexão não se estrutura em categorias biológicas ou hierárquicas, mas em uma qualidade ética. Nas palavras do autor, Martí se referia à América Latina como

la América que se extiende desde el Río Bravo hasta la Tierra del Fuego como la “América nuestra” y la “América mestiza” Esa América, entroncada con las civilizaciones indígenas que le sirvieron como sedimento y que luego serviría a manera de crisol de las razas más diversas que pueblan el Continente a partir de la conquista ibérica, esa América podría carecer de la riqueza, o del desarrollo económico, o de las instituciones de la otra América, la del Norte, pero por esa misma razón es que debe ser el objeto de nuestra afección especialísima como latino-americanos. (Maldonado-Denis, 1978, p. 10).

Desta forma, para José Martí a diversidade não se apresenta como um problema, e sim como fundamento identitário latino-americano. O líder cubano recusa a hierarquização racial e afirma a equivalência moral entre os povos, além de valorizar nossas raízes latino-americanas, sintetizada na ideia de que “*nuestro vino, aunque amargo y de plátano, es nuestro vino*” (*idem*, p. 10), ou seja, por mais que nossa produção seja diferente da europeia, ainda assim é algo nosso, reforçando a diversidade e rejeitando qualquer inferiorização cultural associada ao racismo.

Enfim, Augusto César Sandino. Para o líder-guerrilheiro nicaraguense a nação é uma

grande federação continental latino-americana, isto é, uma América Latina unida sob uma mesma nacionalidade. Sandino reforça essa união total das nações como modo imprescindível de enfrentar o expansionismo norte-americano. Nas palavras do general,

Variadas y diversas son las teorías concebidas para lograr, ya sea un acercamiento, ya una Alianza, o ya una Federación, que comprendiendo a las veintiún fracciones de nuestra América, integren una sola Nacionalidad. Pero nunca como hoy - se había hecho tan imperativa y necesaria esa Unificación, unánimemente anhelada por el pueblo latinoamericano, ni se habían presentado las urgencias, tanto como las facilidades que actualmente existen para tan alto fin, históricamente prescrito, como obra máxima a realizar por los ciudadanos de la América Latina. [...]. consideramos indispensable, más aún, inaplazable, la Alianza de nuestros Estados Latinoamericanos para mantener incólume esa independencia, frente a las pretensiones del imperialismo de los Estados Unidos de Norte América, o frente al de cualquiera otra potencia a cuyos intereses se nos pretenda someter. (Sandino, 1988, p. 218).

Vale salientar que essa “aliança de nossos Estados Latino-americanos” mencionada não se tratava de um “nacionalismo excessivo”. Em entrevista à Ramon de Belausteguigoitia em fevereiro de 1933, Sandino disse que,

De todas maneras, no profesamos un nacionalismo excesivo. No queremos encerrarnos aquí solos. ¡Que vengan extranjeros, incluso americanos, desde luego! Tampoco pensamos que en el nacionalismo político está toda la solución. Por encima de la nación, la federación; continental, primero; luego, más amplia, hasta llegar a la total. (1988, p. 495).

Nesse mesmo ano (após o fim da ocupação estadunidense na Nicarágua e o complô entre conservadores e liberais contra os nacionalistas), Sandino resolve encerrar o Exército de Soberania Nacional e funda o “Exército Autonomista da América Central”. No 3º artigo da pauta do novo exército constava,

El Ejército Autonomista de Centro América, es la vibración espiritual de la raza indo-hispana y el mantenimiento de los derechos de efectiva libertad, frecuentemente violados por los Gobernantes imperialistas de todo el Continente, con muy raras y honorables excepciones; en tal concepto, consideramos inaplazable por infinitas razones la Unión de Centro América, jurando emprender valientemente la jornada reivindicadora hasta vencer, prefiriendo la muerte antes que permitir que los países indo-hispanos continúen desunidos. (1988, p. 537).

Aqui temos uma virada em Sandino, que deslocou a discussão, não mais focada na soberania nacional, mas em um movimento de autodeterminação, trazendo elementos esotéricos (“vibração espiritual”), raciais e de necessária união da América Latina.

Aliás, a questão racial em Sandino se faz muito presente, demonstrando o avanço no entendimento sobre diversidade, sobre a multiplicidade de povos e culturas na América Latina, do século XIX para o XX. A “raça indo-americana” é fato e orgulho para o líder, assim

como sua compreensão de classe, de sua condição de oprimido. Mas a raça é um elemento bastante acentuado em seus escritos, como na frase “*el honor de un pueblo y el orgullo de una raza*” (Sandino, 1988, p. 236). Em seu primeiro Manifesto (1927), Sandino expressa, em consonância, seus ideais de internacionalismo, raciais e de luta armada:

Soy nicaragüense y me siento orgulloso porque en mis venas circula, más que todo, la sangre india, que por atavismo encierra el misterio de ser patriota, leal y sincero. Soy artesano, pero mi idealismo campea en amplio horizonte de internacionalismo, lo cual representa el derecho de ser libre y hacer justicia, aunque para alcanzarla sea necesario constituirla a base de sangre. Que soy plebeyo, dirán los oligarcas, o sean las ocas del cenagal. No importa. Mi mayor honra es surgir del seno de los oprimidos, que son alma y nervio de la Raza. (Sandino, 1988, p. 42)

Finalmente, uma última consideração sobre Augusto César Sandino. Em 1929, o general escreve “*Plan de realización del supremo sueño de Bolívar*”, apresentando um projeto de construção “de la Nacionalidad Latinoamericana” (Sandino, 1988, p. 220), que era o projeto inicial do Exército Defensor da Soberania Nacional.

Em vias de concluir a análise, se faz importante ressaltar que o pensamento social latino-americano, conforme discutido por Cruz, Pacífico Filho e Borges (2020)⁸, constitui um campo fundamental de elaboração crítica que busca compreender a inserção periférica da região no sistema mundial e, sobretudo, propor caminhos de ruptura com as relações históricas de dependência e dominação impostas pelo capitalismo e pelo imperialismo. Trata-se de um pensamento marcado por diversidade teórica e por um forte caráter propositivo, que articula diagnósticos sobre vulnerabilidades estruturais — políticas, econômicas e culturais — com projetos de autonomia e emancipação (*idem*, p. 5-7), como foi possível observar ao elencar e analisar as noções de “nação”, “união” e “raça” em Bolívar, Martí e mesmo em Sandino.

Nesse sentido, compreende-se que o pensamento social e político latino-americano se baseia diretamente em figuras históricas como José Martí e Simón Bolívar, cujas reflexões inauguraram uma perspectiva latino-americanista centrada na crítica à subordinação externa e na construção de uma identidade regional latino-americana, baseada na integração entre povos e na superação das heranças coloniais. Martí defendia a necessidade de uma “*Nuestra*

⁸ CRUZ, Rhaissa da Rosa Machado; PACIFICO FILHO, Miguel; BORGES, Thelma Pontes. PENSAMENTO SOCIAL LATINO-AMERICANO: CONTRAPONTO ÀS EXPULSÕES DO CAPITAL IMPERIALISMO. *Revista Baru - Revista Brasileira de Assuntos Regionais e Urbanos*, Goiânia, Brasil, v. 11, n. 1, 2025.

América” que se pensasse a partir de suas próprias realidades e Bolívar projetava a unidade política como estratégia de independência e resistência.

Tal tradição também se desdobra no século XX em práticas revolucionárias, como as de Augusto César Sandino, cuja luta contra a intervenção estadunidense na Nicarágua materializa, no plano político-militar, os princípios de soberania e autodeterminação defendidos por esse pensamento (Cruz, Pacífico Filho e Borges, 2020, p. 9), além da inspiração direta na Revolução Sandinista.

Assim, o pensamento social latino-americano é profundamente engajado, pois articula teoria e prática na busca por alternativas históricas que enfrentem as continuidades da dependência e afirmem projetos próprios de desenvolvimento e justiça social na região.

CONCLUSÃO

Feitas tais considerações e análises sobre as noções de “nação”, “união” e desembocando na “questão racial” para Simón Bolívar, José Martí e Augusto César Sandino, seguem algumas conclusões, a começar pela constatação de uma nítida influência exercida por Bolívar e Martí no pensamento e prática política de Augusto César Sandino.

Considerando a linha do tempo apresentada, à primeira vista, a tendência mais óbvia seria a de que Sandino sofreu influência direta de José Martí, principalmente pela proximidade geográfica e mesmo histórica entre ambos. De fato, a partir da análise da noção de raça apresentada por Sandino, percebe-se muito de Martí nele, além do nicaraguense repetir incontáveis vezes a expressão “*Nuestra América*”, ora complementando com o “Latina”, ora com “Indo-americana”. O orgulho nacional, a visão racial e o reconhecimento da diversidade latino-americana como parte da construção nacional presentes em Sandino, são referências certas à José Martí.

Porém, o pensamento emancipador de Martí em busca de uma afirmação de identidade da América latina, não ressoa com o mesmo conteúdo nas ideias de Sandino.

Deste modo, o cerne deste estudo foi a constatação de que, ao longo de seus escritos políticos entre os anos de 1927 e 1934, Augusto César Sandino cita, menciona e se emociona de fato, é com Simón Bolívar. Em um trecho da entrevista de 1933 a Ramos B.,

Sandino diz que “ *la vida de Bolívar siempre me ha emocionado y me ha hecho llorar*” (1988, p. 530), ou seja, para Sandino, Bolívar é uma grande inspiração.

Para além desta relação mais emocional, listo abaixo as principais convergências políticas, que se encontram:

- 1) no entendimento de nação de Sandino, ao considerar a nação latino-americana no formato de “federação”, remetendo à ideia bolivariana de Confederação;
- 2) na aproximação com o pensamento liberal que, apesar da noção forte de nacionalismo de Sandino, é com os Liberais nicaraguenses que Sandino continua buscando acordos até ser traído (e morto) por eles. Além disso, na entrevista supracitada, Sandino fala da Espanha com bastante esmero, tratando-a como uma “nação predestinada” (1988, p. 495);
- 3) e, ao fim e ao cabo, Sandino buscava realizar “*el gran sueño de Bolívar*” pois, “*Los grandes ideales, las ideas todas, tienen sus etapas de concepción y perfeccionamiento hasta su realización*” (*idem*, p. 194).

Em outras palavras, o que parecia óbvio, como uma maior influência de Martí no pensamento de Sandino, se desfaz por um viés analítico de que, apesar do elemento temporal, foi em Bolívar que o General dos Homens Livres se espelhou, compartilhando seus ideais e até mesmo em seus “equívocos coloniais”, por assim dizer, ao considerar a ex-metrópole espanhola como uma referência positiva.

Concluo reafirmando a contribuição de Augusto César Sandino para o pensamento social latino-americano, tendo em vista sua importância para a historiografia latino-americana do século XX, como um homem em seu tempo que provocou ideias e gerou significativos avanços no modo de entender a América Latina “desde dentro”, tornando-se a principal influência de um dos mais marcantes processos de libertação nacional latino-americano, a Revolução Sandinista.

Portanto, é possível compreender Sandino como resultado de um grande compósito de referências políticas, culturais e principalmente de resistência latino-americana, ao se afastar

daquilo que havia de mais estrangeiro – como o marxismo e o socialismo soviético – e ao evocar figuras históricas de *Nuestra América*, visando consolidar a *Patria Grande* não só como o sonho de Simón Bolívar, mas como o propósito de toda uma região que ainda existe, persiste e resiste.

REFERÊNCIAS

- BOLÍVAR, Simón. “Carta de Jamaica”. In: **Simón Bolívar: política**. São Paulo, Ática, 1986.
- CRUZ, Rhaíssa da Rosa Machado; PACIFICO FILHO, Miguel; BORGES, Thelma Pontes. PENSAMENTO SOCIAL LATINO-AMERICANO: CONTRAPONTO ÀS EXPULSÕES DO CAPITAL IMPERIALISMO. **Revista Baru - Revista Brasileira de Assuntos Regionais e Urbanos**, Goiânia, Brasil, v. 11, n. 1. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/baru/article/view/13850>. Acesso em: 15 abr. 2026.
- MARTÍ, José. *Nuestra América*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2005.
- MALDONADO-DENIS, Manuel. **Martí y Fanon**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Humanidades; Centro de Estudios Latinoamericanos; Unión de Universidades de América Latina, 1978. (Cuadernos de Cultura Latinoamericana, n. 28).
- MOLINA, Rafael. C. BARBEROUSSE, Paulette. Reflexiones en torno al Pensamiento de Augusto César Sandino. In. **REBELA**, v. 2, n. 1, jun. 2012. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/rebela/article/view/2805>. Acesso em: 15 abr. 2026.
- RAMOS, Jorge Abelardo. **História da Nação Latino-Americana**. Florianópolis, Insular, 2014.
- SANDINO, Augusto César. **Pensamiento Político**. Org. Sergio Ramirez. Caracas, Fundación Biblioteca Ayacucho, 1988.